Revista Brasileira de Climatologia
Brazilian Journal of Climatology

OPEN ACCESS

Seção Temática: Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro – Vida e Obra

CARLOS AUGUSTO DE FIGUEIREDO MONTEIRO, UM GRANDE MESTRE

Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, a Great Master

Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, el Gran Maestro

Dirce Maria Antunes Suertegaray
Professora Titular- Emérita da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Professora Visitante no Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal da Paraíba
dircesuerte@gmail.com

Resumo: Esse artigo tem o objetivo de prestar uma homenagem ao Prof. Dr. Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, um grande mestre. Para escrevê-lo, associo informações sobre sua formação acadêmica, concluída em 1952, aos constituintes de sua trajetória profissional, abordando aspectos da centralidade de sua obra e das experiências acadêmicas que nos aproximaram. Seu desenvolvimento teórico inicial ocorreu na Universidade do Brasil (RJ) e,desde o princípio da atividade profissional, dirigiu sua proposição intelectual e sua orientação acadêmica para a História, conforme relatava, estabelecendo o vínculo que sempre buscou entre História, Arte e Geografia.

Palavras-chave: Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro; Geografia e geógrafos; Nomes da Geografia.

Abstract: This article aims to pay tribute to Prof. Dr. Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, a great master. To write it, I associate information about his academic training, completed in 1952, to the constituents of his professional career, addressing aspects of the centrality of his work and the academic experiences that approached us. His initial theoretical development occurred at the University of Brazil (RJ) and, since the beginning of the professional activity, directed his intellectual proposition and academic orientation to History, as reported, establishing the link that always sought between History, Art and Geography.

Keywords: Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro; Geography and geographers; Geography names.

Resumen: Este artículo tiene el objetivo de rendir homenaje al Prof. Dr. Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, un gran maestro. Para escribirlo, asocio informaciones sobre su

formación académica, concluida en 1952, a los constituyentes de su trayectoria profesional, abordando aspectos de la centralidad de su obra y de las experiencias académicas que nos acercaron. Su desarrollo teórico inicial ocurrió en la Universidad de Brasil (RJ) y, desde el principio de la actividad profesional, dirigió su proposición intelectual y su orientación académica para la Historia, conforme relataba, estableciendo el vínculo que siempre buscó entre Historia, Arte y Geografía.

Palabras clave: Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro; Geografía y geógrafos; Nombres de la Geografía.

Submetido em: 26/09/2022
Aceito para publicação em: 16/12/2022
Publicado em: 15/07/2022

1. INTRODUÇÃO

Este texto tem o objetivo de resgatar a trajetória acadêmica, para, com isto, prestar uma homenagem, ao prof. dr. Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro — um grande mestre. Para escrever, associo informações sobre sua trajetória e sobre as experiências acadêmicas que nos aproximaram; tornamo-nos amigos a distância.

Dou início, trazendo, nesse primeiro momento, sua concepção de Geografia:

> Gosto sempre de repetir que toda a minha carreira é uma jornada de aprendiz de geógrafo. Minha concepção de Geografia é essencialmente "unitária", como base ou subsídio a uma fundamentação filosófica. (MONTEIRO, 1990)

Essa referência expressa o sentido dado à Geografia, por Monteiro. Sua formação acadêmica foi concluída em 1952, na Universidade do Brasil (RJ). Desde o início de sua formação, a centralidade de sua proposição intelectual, conforme relata, e o seu direcionamento acadêmico, à época, eram dirigidos à História (então, História e Geografia constituíam um currículo único), estabelecendo, esse conhecimento, o que desejava o vínculo entre História e Arte.

Nesses breves relatos, pode-se perceber sua concepção geográfica, perpassando a conexão natureza e sociedade, enquanto modo de fazer Geografia, acrescida, como ocorre em sua construção intelectual, ao longo do tempo, da relação com a História e com a Arte. Do seu interesse pela História derivou para aprofundamento na Geografia Física, já no primeiro ano de faculdade, campo no qual se dedicou inicialmente à Geomorfologia e, posteriormente, à Climatologia. No entanto, sobrevém uma aproximação com a Antropologia, ao afirmar que a Geografia é a ciência dos lugares, donde advém sua restrição, conforme seu depoimento, do uso da categoria *espaço*. Para ele, essa restrição provavelmente tenha sido compensada com a inserção da Antropologia em sua formação, permitindo-lhe a edificação de uma boa base humanista.

Parece estar assim assentada a Geografia de Carlos Augusto: Geografia (relação homem x meio), Antropologia (lugar), Arte e Filosofia (reflexões sobre o mundo/vida e sobre as suas representações simbólicas). Essa construção, que muito ultrapassou a ciência geográfica, uma vez que adentrou pela filosofia, pela ciência e pela arte, expressa uma

trajetória que, saída da Climatologia, dialoga com os mais variados campos científicos, filosóficos e artísticos. Percorrendo suas publicações, isso se torna evidente.

Sua busca pela unificação da Geografia já está presente em diferentes obras, ao longo dos anos 1950 e 1960, das quais destacamos o relatório *Problemas geográficos do Baixo São Francisco*, realizado a partir de um trabalho de campo em uma das assembleias anuais da AGB (PENEDO, 1962). Essa experiência, comum nas assembleias da AGB deste período, é a expressão, através de sua coordenação, da busca de articulação entre natureza e sociedade, trazendo, na sua síntese, o entrelaçamento da natureza e da atividade humana/social daquele lugar.

Em entrevista à FAPESP (2010), explicita a reflexão, elaborada a partir do relatório, construído de forma interdisciplinar, quanto ao possível conflito que poderia suscitar, quando da apresentação do documento à comunidade local:

> A natureza oferece as condições, mas as relações de produção… porque era uma relação de verdadeira escravidão, o coitado trabalhava no arroz para o dono da terra, que lhe pagava um preço miserável, e às vezes, escondido, de noite, ele botava uma saca e saía para vender a um outro, para obter um preço melhor. Um fazendeiro numa hora protestou: "Mas não é bem assim…". (FAPESP, 2010)[1]

Em outro tempo (1977), venho a conhecer o prof. Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro; agora, na USP (durante o mestrado), estudando análise rítmica e tomando conhecimento dos textos de Bertrand (1968) e de Sotchava (1977) — textos traduzidos por ele e publicados pelo Instituto Geográfico (IG), vinculado à Geografia da USP. Frise-se que estes textos foram muito divulgados na Geomorfologia brasileira, sobretudo na Geografia Física, pois estabeleciam possibilidades de constituição de análises integradas nesta área de conhecimento.

Essa aproximação com sua produção me permitiu outra experiência (agora, no doutorado): assistir a sua apresentação sobre desertificação no Nordeste, durante uma reunião dos professores do Departamento de Geografia. Em suas próprias palavras, em entrevista à GEOSUL, o mestre informa que sua apresentação se tratava de:

[1] FIORAVANTI, Carlos. Carlos Augusto Figueiredo Monteiro: o geógrafo literário. **FAPESP**, ed. 171, maio de 2010.

> [...] um estudo sobre DESERTIFICÃO NO NORDESTE aplicado a área limítrofe entre Ceará - Paraíba - Pernambuco, produzido durante meu estágio na Universidade de Tsukuba no Japão em 1982/83, infelizmente ainda inédito. Entendo perfeitamente que os colegas japoneses que o patrocinaram para o *Latin American Studies*, por eles editado em Tsukuba, ainda hoje estejam atrapalhados com tal trabalho. Eles que são profundamente tradicionais e seguem os modelos oficiais consagrados e vigentes, devem ter grande dificuldade em assimilar um trabalho nada convencional que apresenta urna acurada análise cientifica das componentes naturais nas ilustrações, enquanto discurso do texto visa a interpretação social. E tomei liberdades que podem ser imputadas de "literárias" ou mesmo simbolistas. Mas eu tenho o meu exemplar, guardado... (GEOSUL 1990)[2]

Trata-se de um texto fascinante, em que Monteiro conjuga a saga do trabalho do sertanejo em ambiente semiárido, a natureza e o social com uma poética textual, expressa, sinteticamente, na denominação dada à população local, com a qual conviveu e estudou: os severinos[3].

Será nos anos 1970, com o advento da discussão ambiental, que Carlos Augusto adentra nesta temática. Nesse contexto, sua preocupação, em relação ao fazer geográfico, adquire densidade, e o ambiental lhe dá sustentação, diante da possibilidade de articulação, tão perseguida, entre natureza e sociedade:

> [...] aí, mais do que nunca, há necessidade de uma visão interativa e global da ciência geográfica. Talvez eu não tenha vocação declarada para a "análise" se tomamos isso por uma sequência linear e mecânica da investigação. Fascina-me antes uma certa concepção sincrônica e diacrônica (não me rotulem de "estruturalista", por favor) que advém da intuição de enfrentar o "caos" areolar do todo antes da trilha linear perseguindo a parte. (GEOSUL, 1990)

Leitor atento das novas concepções científicas, expressa, na sua perspectiva metodológica, profundo conhecimento sobre o avanço da ciência contemporânea. Trazendo esta discussão a público, aponta possíveis novos rumos para a Geografia.

[2] GEOSUL. Entrevista com o Prof. Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro. **GEOSUL**, n. 9, ano V, 1º sem. 1990. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/12742/11908. Acesso em: 23 ago. 2022.

[3] MONTEIRO, CARLOS. A. F. On the desertification in northeast Brazil and man's rote in this process. **Latin American Studies**, Tsukuba, p. 1-10, 1983.

Tal reflexão é feita com profundidade em seu livro *Clima e Excepcionalismo - conjecturas sobre o desempenho da atmosfera como fenômeno geográfico*[4], de 1991, no qual sistematiza seu pensamento e lembra da necessidade de visões interativa e global, indicando a articulação escalar e questionando as análises lineares e mecânicas, características da ciência de base newtoniana. Nesse caminho, o mestre expressa o sentido dado ao tempo em suas análises e busca explicar a funcionalidade, sem ser essencialmente funcionalista, uma vez que admite o tempo e o seu movimento como ritmos, a possibilidade de desvios e o desejo de investigar, não, os fenômenos lineares, mas o "caos" areolar, expressão trazida em sua reflexão geográfica, a partir da análise dos sistemas complexos em sua dimensão espacial.

Na década de 1970, busca um caminho metodológico de articulação entre natureza e sociedade, aproxima-se dos teóricos do Geossistema, sobretudo de Sotchava, que conheceu em evento da UGI, em Moscou, e o amplia, através do diálogo internacional realizado, desde então. Em sua obra, a abordagem sistêmica se diferencia, na medida em que não expressa, como era a proposição dominante à época, a compreensão da funcionalidade atemporal, pois Monteiro compreende o sistema geográfico como complexo, em movimento (sincrônico e diacrônico) e, da mesma forma, como areolar e caótico, superando a concepção clássica de sistema e adentrando no entendimento dos sistemas complexos.

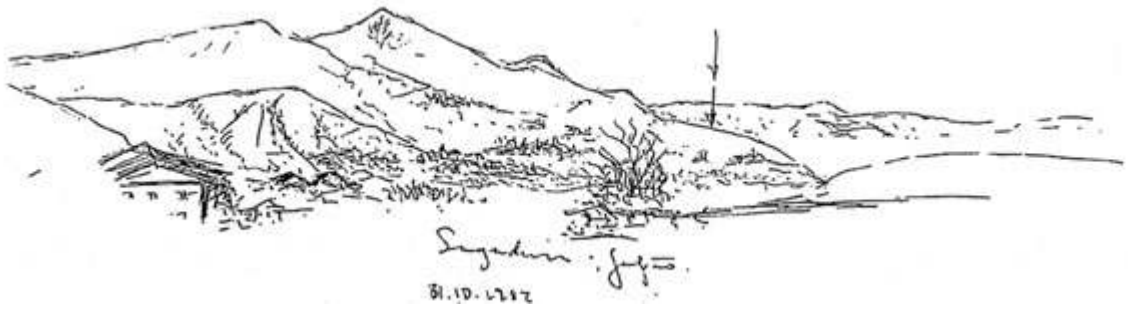
Consolida sua abordagem em *Clima Urbano*[5], obra derivada de sua tese de livre docência[6], de 1975, em que criou o Sistema Clima Urbano, estudando, em detalhe, o clima da cidade de São Paulo, sob uma perspectiva sistêmica complexa, e cunhou metodologias, cabendo destacar a análise rítmica. Com este procedimento, o autor rompe com a análise linear, ao buscar padrões médios para explicar as variações climáticas, afirmando o necessário tratamento do clima como um sistema complexo, cabendo, à Geografia, enfatizar o ritmo do tempo, sua cotidianidade, para se aproximar do lugar de vivência das pessoas, em relação às consequências destas variações.

Mais adiante, nos anos 1990, escreve um livro, em que conta sua busca pela análise geossistêmica[7]. Nesse, são perceptíveis a sua construção intelectual, as suas reflexões, as suas

[4] MONTEIRO, CARLOS. A. F. **Clima e Excepcionalismo - conjecturas sobre o desempenho da atmosfera como fenômeno geográfico**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1991. v. 1. 239 p.
[5] MONTEIRO, CARLOS. A. F.; MENDONCA, F. **Clima Urbano**. São Paulo: Contexto, 2002. 192 p.
[6] MONTEIRO, CARLOS. A. F. **Teoria e clima urbano**. [São Paulo]: USP, 1976. p. 01-181. (Série Teses e Monografias, n. 25)
[7] MONTEIRO, CARLOS. A. F. **Geossistemas - História de uma procura**. São Paulo: Contexto, 2001. v. 1. 154 p.

leituras críticas, revelando grande autonomia intelectual. No volume, Monteiro relata sua forma de produzir Geografia em mapas, em croquis, em ilustrações de todas as formas, em desenhos minuciosos de paisagens, formas de expressão de seu discurso (Fig. 1).

Figura 1 – Gravura criada por Carlos Augusto Figueiredo Monteiro, em 1982



Fonte: FAPESP (2010)

Toda sua busca se expressa criticamente ao final do livro, quando afirma:

> [...] passados trinta anos não pude confirmar a constituição cabal deste conceito que continua abstrato e irreal e pode se análogo ou concorre com conceitos como geoecossitema, paisagem, região homogênea... nada indica que haja se firmado no conceito de geossistema, um paradigma para a Geografia, nem mesmo na Geografia Física. (MONTEIRO, 2001, p. 103)

Portanto, não visualizava consenso e, sim, um período revolucionário, de busca por novas formas de construção do conhecimento.

Além da carreira acadêmica, Monteiro atuou em órgãos públicos de São Paulo e da Bahia, sobretudo, no planejamento da dimensão ambiental.

> [...] na segunda metade dos anos setenta, tenho me voltado para os problemas ambientais. Aí, mais do que nunca, há a necessidade de uma visão interativa e global da ciência geográfica. (GEOSUL, 1990)

Ademais, considerava um erro que a degradação da natureza, o ambiente contaminado e poluído, atraísse (em grande parte) aos Geógrafos, como oportunidade de trabalho ou forma de obtenção de recursos para pesquisa, e enfatizava o lugar em sua perspectiva espacial de análise geográfica — o legítimo objeto da Geografia.

> Considero relevante que, qualquer postura em considerar o lugar; como "organização" pela sociedade, como "produção" pelas forças malignas do capitalismo ou benéficas do socialismo (que não elimina a degradação ambiental), ou como "derivação" antropogênica da natureza, malignamente conduzida pelo animal homem (numa visão de ecologismo ingênuo), o que estará em jogo será sempre o lugar (lugares do homem) e não a problemática interna e específica da organização social. Que as fatores socioeconômicos e políticos são decisivos na elaboração dos lugares ponto pacífico. 0 que é altamente discutível que esta força geneticamente importante e mesmo decisiva, venha substituir objeto dela resultante: o lugar, os lugares. (Evito propositadamente usar "espaço", conceito muito convenientemente obscurecido em grandes correntes das Geografias de hoje). Uma "análise ambiental" para mim emana de uma geografia "unitária", resultante da interação de todas suas esferas, notadamente a humana. Na moderna "geografia física", a adoção crescente do "geossistema" é uma tentativa de viabilizar facilmente esta integração de muito proclamada é difícil e raramente alcançada. (FAPESP, 2010)

Sua obra é significativa e da maior importância sua contribuição à geografia, brasileira, mas não somente, pois teve diálogos frutíferos com colegas de outros países, a partir de sua efetiva participação nos encontros da UGI e além, através de sua marcante experiência no Japão como professor e pesquisador.

Somente após sua aposentadoria, entregou-se a outras duas paixões: a literatura e a filosofia, e escreveu mais um livro, *O mapa e a trama*, em que analisa a obra de escritores, como Guimarães Rosa, Graciliano Ramos e Graça Aranha, do ponto de vista da Geografia e das estruturas sociais[8].

2. O Piauí, sua terra de nascimento

Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, um intelectual pleno, transitava pela Geografia, pela Ciência, pela Filosofia e pela Arte. Curioso, inquieto e de grande afetividade, tinha sua grande preferência na literatura. Conhecedor em profundidade de Guimarães Rosa, sem dúvida, é um precursor na difusão da literatura em âmbito geográfico. Nascido no Piauí, assim se referiu a seu estado, quando solicitado a falar sobre sua infância, sua cidade, sua família, seu ambiente cultural:

> Nasci em Teresina — a primeira capital brasileira erguida para tal fim. Pensa-se, erroneamente em Belo Horizonte quando a capital mineira foi, em

[8] FIORAVANTI, Carlos. Carlos Augusto Figueiredo Monteiro: o geógrafo literário. **FAPESP**, ed. 171, maio de 2010.

> verdade a terceira, seguindo-se a Teresina e Aracaju. Em 1852, batizada em honra a Imperatriz D. Thereza Christina, levava-se ao eixo do rio Parnaíba, na chapada do Corisco, a sede da província, pois que a velha capital - Oeiras - representava um "ciclo" econômico anterior e decadente, assentado nas grandes fazendas de gado principiadas pela Casa da Torre da Bahia e acrescida do desbravamento paulista de Domingos Jorge Velho, o destruidor de Palmares. Pelas vertentes maternas, dos troncos Gonçalves Dias e Area Leão, venho de antigas famílias ligadas ao criatório, e já sofrendo a decadência daquela atividade... (GEOSUL, 1990)

Dizia-me, sempre de forma poética: "[...] o Piauí é o outro lado da lua, nunca ninguém viu, nunca ninguém foi lá. Conheci o Piauí a tempo de lhe escrever, dizendo que tinha conhecido seu estado, que já tinha tido o privilégio de conhecer o outro lado da lua, que como ele dizia era muito lindo. De fato, seu estado é muito lindo, vale a pena conhecer de sul a norte com conheci em campo, com um outro piauiense (Ivamauro de Souza)"[9].

Em sua terra, Piauí, e em sua Teresina de nascimento, dedica-se a resgatar suas origens, sua história. Assim, por longo tempo, aplica-se à pesquisa e à escrita de duas obras reveladoras deste lugar, desse estado e dessa região, o Nordeste. *Tempo de Balaio* e *Rua da Glória* foram escritos entre 1991 e 1993, e estas construções, numa interpretação possível, faz-se evidente a valorização da história, enquanto desejo de formação inicial. Essa valorização da História, do diacrônico, do tempo, das memórias, está presente no conjunto de sua obra, mesmo nas restritas ao clima, ao ambiente ou à decifração do lugar.

Seu último livro, *Geografia neste agora e em outro momento*, resgata seu pensamento ao final do milênio, indicando seu posicionamento e sua consistente forma de conceber Geografia, como Geografia unitária e, não, apartada nas clássicas geografias Física e Humana, e se refere à Geografia Cultural, emergente nos anos 1990, embora também tenha sido precursor neste tema, quanto divulgou seus diálogos da Geografia com a Literatura, com a Arte, acrescidos, de maneira ampla, da Filosofia.

[9] Texto escrito em sua homenagem, quando de sua morte, em 13 de abril de 2022. Publicado na página do POSGEA/UFRGS.

2. Para finalizar, um depoimento[10]

Não fui sua aluna, mas ele foi meu mestre; o desejo que tínhamos de conjugar a Geografia nos aproximava. Sobretudo, Monteiro foi um grande amigo, afetuoso, humorado. Conversamos e ríamos, quando nos encontrávamos, e viajávamos, por vezes, juntos, conhecendo lugares, como o Goiás Velho, a casa de Cora Coralina — Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, poetisa e contista brasileira que teve seu primeiro livro publicado em junho de 1965 (*Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*), quando já tinha quase 76 anos de idade, apesar de escrever versos desde os 14 anos — e a casa de Goiandira, em companhia do colega e amigo Francisco Mendonça. Na ocasião, assim nos falava Goiandira: "[...] só aos 52 anos comecei a pintar, com areias trazidas da Serra Dourada". Segundo ela, teria ouvido, em sonho, uma voz que lhe disse: "[...] faça sua casa de areia".

Teórica e metodologicamente, Monteiro foi avesso aos dogmas e assim se expressou, ainda nos anos 1990, em relação à discussão teórica da Geografia de época, centrada na construção de modelos, trazidos da Geografia Teorética (Quantitativa), e na análise dialética, trazida da Geografia Crítica:

> Acho que, nesse turbilhão, um movimento praticamente neutralizou o outro, e os problemas e insoluções continuam flagrantes, desde que o objeto e estudo, está sob o impacto permanente e crescente da grande crise que afeta o mundo de hoje. Outros movimentos virão, a crise continuará por bom tempo ainda, e novos rumos serão procurados. Os geógrafos têm que se preparar para enfrentar cada vez mais incertezas e perplexidades. E isso quando nos aventavam com a comodidade de encontrar "modelos" prontos para nos simplificar a vida... (GEOSUL 1990)

A Literatura e a Arte estavam sempre presentes nos trajetos e em suas aulas. Sua contribuição é maior do que a Geografia: é Ciência e Arte; é razão e emoção, manifestadas em seus escritos, em seus desenhos (artísticos), em sua forma de ser, em sua humanidade.

Tenho consciência de que o que foi abordado neste texto não revela a amplitude de sua construção intelectual, mas não há como se referir a este pensador da Geografia e do mundo na sua totalidade, registrada em seus escritos, nas suas conferências, nas suas falas, nas suas aulas, nas suas tão agradáveis conversas nos corredores dos eventos. Aqui, estão

[10] Texto escrito em sua homenagem, quando de sua morte, em 13 de abril de 2022. Publicado na página do POSGEA/UFRGS (reproduzido e ampliado).

presentes as suas preocupações com o clima e seus ritmos, com o ambiente e a cidade, com a perspectiva ambiental do Brasil, além de suas reflexões sobre a Geografia brasileira, sobre os caminhos teóricos da Geografia e sobre sua diversidade construtiva nas diferentes épocas. Do conjunto de publicações, que abordam a ampla temática sobre a qual se debruçou, indicam-se, ao final deste escrito, os textos que permitem compreender sua trajetória; textos que expressam o movimento do conhecimento da Geografia brasileira, sempre estabelecendo as conexões que lhes eram peculiares: a Geografia na sua construção, como ciência vinculada, em seu movimento, aos eventos marcantes do século que viveu, abarcando a economia, a política, o social e os movimentos universais da Ciência, da Filosofia e da Arte.

Com sua passagem, a Geografia brasileira perdeu um intelectual ímpar, cuja trajetória é exemplo de construções humana e humanizante, manifestas na sua Climatologia, na sua Geografia, na sua presença entre nós. Em particular, vivenciamos sua presença, junto ao Curso de Geografia e ao Programa de Pós-graduação em Geografia da UFRGS, em que conferenciou inúmeras vezes, e, sobretudo, quando festejou conosco, presenteando-nos com uma brilhante palestra, a ocasião dos 60 anos do curso de Geografia, estando presente, também, no ENANPEGE 2017, cuja sede foi Porto Alegre, explicitando, no evento, sua trajetória profissional, o que nos emocionou a todos. Falava no ano que completava seus 90 anos, e recebeu, naquele evento, a edição tão esperada de seu livro sobre a Amazônia, obra em que associa texto e gravuras desenhadas por ele próprio.

Tendo preocupação com a formação/educação dos jovens assim se expressou em 1990.

> [...] o grande problema do momento, tenho a impressão é do tratamento que dermos aos jovens. Já que estamos mergulhados em dúvidas não há por que os massacrarmos com a rigidez dos modelos impostos como certos e adestrá-los para viverem e verem o mundo sob as lentes dos nossos óculos. 0 importante será adverti-los do caos e fomentar seu potencial de criatividade para que a humanidade encontre as saídas para o futuro. Pela profundidade em que mergulhamos no negativo tudo leva a crer que só poderemos estar prestes a nos a1çar em direção ao positivo. E a juventude bem o merece. (GEOSUL 1990)

Que sua obra seja lida em toda a sua dimensão e que as novas gerações se permitam conhecê-lo.

REFERÊNCIAS E PUBLICAÇÕES

MONTEIRO, CARLOS, A. F. **Depoimento Reflexivo sobre a produção de um geógrafo brasileiro da segunda metade do século XX**. Alagoas: Ed. Uneal, 2013. 133 p.

MONTEIRO, CARLOS, A. F. **Introdução à história da Amazônia brasileira**. Manaus: Ed. UFAM, 2012. 144 p.

MONTEIRO, CARLOS, A. F. **O Cristal e a Chama**. Dourados: Ed. UFGD, 2013. 287 p.

MONTEIRO, CARLOS. A. F. **A questão ambiental na Geografia do Brasil**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2003. 49 p.

MONTEIRO, CARLOS. A. F. **Clima e Excepcionalismo - conjecturas sobre o desempenho da atmosfera como fenômeno geográfico**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1991. v. 1. 239 p.

MONTEIRO, CARLOS. A. F. **Geografia Sempre - O homem e seus mundos**. [*S. l.*]: Edições Territorial, 2008.

MONTEIRO, CARLOS. A. F. **Geossistemas - História de uma procura**. São Paulo: Contexto, 2001. v. 1. 154 p.

MONTEIRO, CARLOS. A. F. **O Estudo Geográfico do Clima**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1999.

MONTEIRO, CARLOS. A. F. **O mapa e a trama - ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2002. 242 p.

MONTEIRO, CARLOS. A. F. **Rua da Glória**. [*S. l.*]: Edição Piloto do Autor, 1993. 1520 p.

MONTEIRO, CARLOS. A. F. **Tempo de Balaio - uma sinopse da evolução histórica do Piauí a partir da situação vigente no meado do século XIX, após a consumação da Guerra dos Balaios, quando da mudança do capital**. [*S. l.*]: Edição Piloto do Autor, 1993. 339 p.

MONTEIRO, CARLOS. A. F.; MENDONCA, F. **Clima Urbano**. São Paulo: Contexto, 2002. 192 p.